

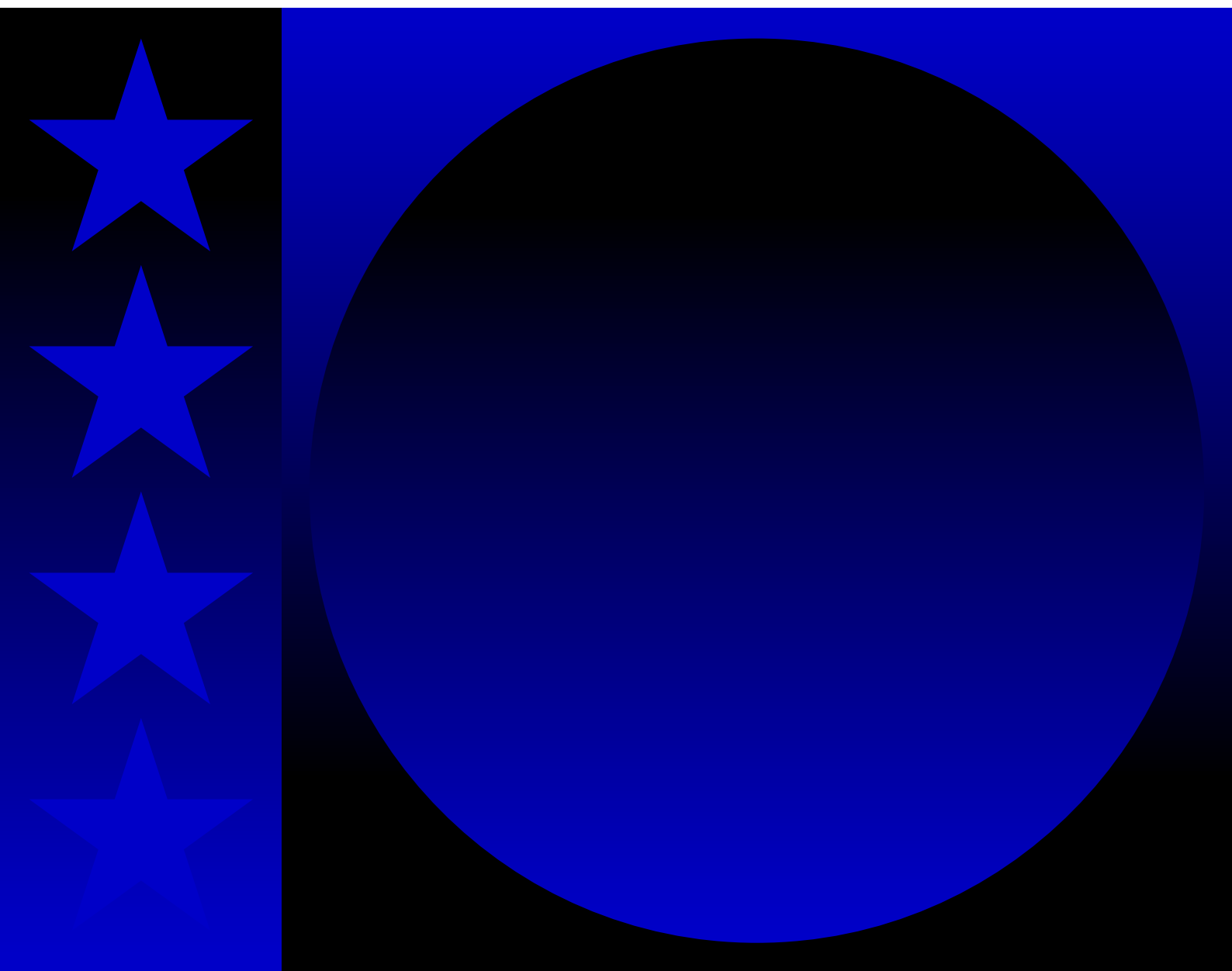
caderno de leituras n.139

série *intempestiva*

sonata para violino em sol menor: **DINHEIRO**

subcomandante
galeano

tradução
clarissa xavier



**nota da
editora**

O texto em espanhol – “Sonata para violín em sol menor: DINERO” – está disponível gratuitamente nos arquivos do Enlace Zapatista:

<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2019/08/15/sonata-para-violin-en-sol-menor-dinero/>

“...a mais bela das artimanhas do diabo
é nos convencer de que não existe!”

Le joueur généreux
Charles Baudelaire

I. O OITAVO PASSAGEIRO

Em parte nenhuma, e em todas. Um trem adormecido se embala com seu próprio ronronar. Não vem nem vai a parte alguma. Ou não importa. A bordo, uma população de cinzas, vivos de tão mortos, dorme. No último vagão, 7 passageiros solitários, miseráveis suas vidas e suas roupas, se entediam e se desesperam em seus assentos.

Um diz: *“daria qualquer coisa para mudar minha sorte”*. A frase é uma espécie de idioma universal, e os 6 restantes concordam em silêncio. O grande e maltratado trem entra então em um túnel, que mata os cinzas e engrandece as sombras. A porta se abre e entra um oitavo passageiro, com sua roupa que grita *“não sou daqui”*, e se senta sem dizer uma palavra. O túnel alonga a escuridão.

Algo como um trovão, um galho seco quebrado sem que uma tempestade o vença. Uns olhos flamejantes aparecem na escuridão. Fala o olhar de fogo: *“Creio que não preciso me apresentar. Cada um de vocês me invocou com ou sem palavras, e a seu chamado respondo. Sua alma por um desejo. Ponham o preço”*.

Um escolhe saúde, nunca adoecer. Satã responde: *“concedido”*, recolhe a alma do saudável e a guarda em sua sacola.

Outro opta pela sabedoria, tudo conhecer. O diabo sussurra: *“concedido”*, toma a alma do sábio e coloca na sua bolsa.

O terceiro escolhe a beleza, ser admirado. O rei do inferno diz: *“concedido”*. E a alma do belo se acomoda em seu alforje.

O quarto prefere o Poder, mandar e ser obedecido. Lúcifer suspira: *“concedido”*. E a alma do chefe é mais uma em seu bolso.

O quinto aponta: *“os prazeres”*, despertar a paixão só pela vontade. O demônio sorri satisfeito: *“concedido”*. E a alma de hedonista se une às demais no sobretudo escuro.

O sexto se ergue e escolhe a fama, ser reconhecido e aclamado por todos. Satanás não faz nenhum gesto quando declara: *“concedido”*. E a alma do famoso é mais uma entre as outras prisioneiras.

O sétimo quase canta quando diz: “o amor”. O Maligno solta uma gargalhada enquanto soletra “c-o-n-c-e-d-i-d-o”. E a alma do amante fica no fundo do saco.

O anjo caído olha impaciente o oitavo passageiro, que não diz nada, só rabisca em uma caderneta.

Luzbel adoça a voz quando pergunta: *“E qual é o seu desejo? Qualquer um será dado em troca apenas da sua alma passageira”*.

O oitavo passageiro se põe de pé e solta um murmúrio: “Sou Dinheiro, compro as 7 almas dos infelizes que acreditaram em você, e compro você, para que me sirva e me obedeça”.

E *“o grande dragão, a serpente antiga que se chama o diabo e Satanás, o qual engana o mundo inteiro”* (Ap 12, 9), sorriu malicioso e sentenciou, antes de pôr a si mesmo na bolsa das almas vendidas:

“Assim seja, senhor Dinheiro. Mas em sua própria essência está sua perdição, e sua bonança hoje será desgraça amanhã”.

Dinheiro tomou a bolsa e saiu do último vagão, e o trem, do túnel.

Atrás deles a escuridão se alargou até conquistar o dia...

II. A CRISE E AS RESPONSABILIDADES

“Quando há uma crise, compre barato e espere passar para vender caro. Se não há uma crise, provoque-a com uma guerra. Para sair da crise, faça outra guerra. A guerra, como não disse Clausewitz, é a estrada para entrar e sair da crise por outros meios – incluindo os nucleares.”

Don Durito de La Lacandona
Besouro e Doutor em Economia Selvática

Se a maior das artimanhas do diabo é convencer de que não existe, um dos cimentos do sistema capitalista é convencer de que o dinheiro pode tudo. E o dinheiro é o mestre e o senhor dos governos. No dinheiro baseiam seu projeto de entrar para a história como grandes transformadores. No entanto...

Bom, eu ia tratar aqui de explicar que está vindo uma crise econômica mundial, no entanto, além de eu não saber muito de economia política, parece que a realidade está está fazendo e o fará com os melhores argumentos e de forma mais pedagógica. Ainda assim, é preciso ter em mente que falta o que falta.

E, também, é preciso apontar que o que vem não é culpa desse governo, nem dos passados. O que se conhece como governo mexicano tem como única responsabilidade acreditar e fazer acreditar que há algum jeito, já não digamos de detê-la, tampouco de aliviá-la.

As “más decisões”, das quais um setor da direita des-ilustrada culpa o governo da 4T (a ladainha do cancelamento do aeroporto em Texcoco é a constante), não têm nada a ver com o que está por vir. O slogan sublinhado desse fragmento da direita realmente existente, que se sente ressentido e enganado, seria: “estariamos melhor sem López Obrador”, e soa, além de pouco original, falso.

Qualquer um que tivesse ficado (Meade, Anaya, el Bronco ou Miss Xerox) teria tido que enfrentar esse “entorno mundial adverso” (assim falam os *Think Tanks* do grande capital) e sairia

derrotado e buscando culpados. E todos teriam feito e estariam fazendo o que o governo atual faz: mentir e mascarar.

Claro, falo como e dos povos originários. Ainda que esteja certo de que outros setores poderiam dizer, caso tenham se visto beneficiados ou não com a política econômica do supremo. Para não falar de sua política social e do renegado fracasso do combate à delinquência.

É preciso entender que o desagrado que se manifesta nesse setor da direita é amplamente compensado pelo setor restante (que é o majoritário). Para não falar do grande capital, que está mais que encantado e satisfeito com as medidas que abonarão o surto e a escalada da crise que está por vir.

Imagino que isso os incomodará mais do que se apontarmos que são o mesmo, mas, o balanço até agora é que teria dado no mesmo se tivesse ficado um, ou outro, ou outra:

Teriam começado comemorando a si próprios; teriam declarado solenemente que um novo ciclo de esperança, trabalho e bonança começava para o território que se encontra ao sul do Rio Bravo e a oeste da Guatemala e Belize; teriam repartido as mesmas esmolas, ainda que com outro nome; teriam se desfeito das coisas (que não são poucas) que haviam prometido na campanha; teriam tragado o ressentimento e a inveja, as críticas que direcionaram a eles; teriam feito chamados à unidade e ao patriotismo; teriam se prostrado igualmente diante dos desígnios, bravatas e insultos do capataz que, no norte revoltado e brutal, baba; e teriam atribuído seus erros ao “entorno internacional adverso”.

Todos, como o atual supremo, baseariam seu plano de governo no dinheiro. Suas discrepâncias estão no fato de o supremo acreditar que, com o fictício “combate à corrupção”, é suficiente até para pendurar medalhas de outros, outras, *otros*. “Mas a 4T não rouba”, alegarão. Mas ainda assim, para todos esses amantes de matizes, há níveis, como você lerá mais adiante, em outro texto... se é que este chegará a ser publicado.

Vou apontar alguns fatos sobre os quais não são possíveis esses “matizes” apontados. Aos que demandam uma posição clara. Não recorro às redes e suas “fake news”, nem às colunas pró e contra (uma mais lamentável que a outra) na imprensa; ou à imprensa marcada como “fifi” (tive que desconsiderar como fonte o semanário *Proceso*, que, em um

arroto do supremo, apagou toda uma história de trabalho e investigação jornalística difícil de alcançar por outro meio). De modo que me circunscrevi às declarações e fatos reportados nas páginas eletrônicas governamentais (diários e colunas incluídas), e ao reportado na imprensa “a favor”.

Além disso, é claro, de uma investigação “in loco”, no terreno em que nos movemos: a Chiapas rural. Vocês podem desconfiar, e com razão, daquilo a que essa parte se refere. Pode ser que tudo seja apenas uma invenção para sabotar o supremo. Duvide, sim. E, se quiser sanar as dúvidas, pode recorrer a duas coisas: pesquisar se o que dizemos é certo ou esperar pelo que vai acontecer. A desvantagem da primeira opção é que o jornalismo que investiga a veracidade ou a falsidade do que você lerá a seguir passará às linhas dos conservadores (ainda que “matize” e não reflita a realidade brutal do que se passa aqui). No caso da segunda, é esperar que o tempo nos dê razão ou nos desminta; mas, veja, aqui entre nós, homens, mulheres e **otros**, a verdade é que “tempo” é uma das coisas que não tem muito lá em cima. Mas, enfim, sinta-se com liberdade para desconfiar da realidade daqui, mas desconfiar da realidade que você vive e da qual padece não lhe parece suicida?

Fatos:

– O tom festivo do supremo em suas reuniões com os representantes do poder econômico do México e do Mundo. E o tom irritado e intolerante quando recebe reclamações ou demandas das pessoas comuns, sobretudo quando são pessoas do campo. Ok, matize... mas a realidade vai contradizê-lo diariamente. No caso dos senhores do dinheiro, é um cortejo que tangencia o obscuro e que não se traduz no verdadeiro respaldo que busca com ele. No caso dos comuns, entende-se que o supremo “não paga para que batam nele”.

– A imposição das afeições e fobias próprias de um tirano. Veja, eu o entendo, cada um tem suas vontades e suas desvontades, não é preciso falar, mas nada dá o direito, a ninguém, de impô-las às demais pessoas. E, quando o supremo diz que tal por qual são uns tais por quais, isso sim irrita, como ele costuma dizer, e, como demonstraram o legislativo e o assassinato de Samir Flores, o desejo de agradar o supremo chega a crimes e aberrações. Apenas os tiranos procuram réplicas em seus governados, e assim caminha essa nação.

– O tratamento aos migrantes. Veja, você pode ver onde quiser e pode dizer a si mesmo: *“Que horror! Em que país acontecem essas coisas?”*, e acontecem aqui, neste país que se chama “República Mexicana”. E o que sai na mídia “a favor” não é nem uma fração do pesadelo imposto aos centro-americanos na fronteira sul. Sim, também aos africanos, caribenhos, asiáticos... e mexicanos. Diga-me, como se distingue uma pessoa chiapaneca de uma guatemalteca, hondurenha ou salvadorena? Por não terem documentos? Vamos, pergunte então ao INEGI ou ao INE quantos mexicanos não têm documentos no sudeste mexicano. Por cantarem o hino nacional? Os agentes de migração não sabem disso e, pelo que parece, nem o supremo, por isso beijam os pés de Trump. O outro que quer deslanchar em 2024, Marcelo Ebrard, diz que a lei está sendo aplicada, mas nenhuma lei diz que *“todas as pessoas que sejam baixas de estatura, de pele escura, não falem espanhol ou o falem com sotaque serão detidas e intimadas a apresentar documentos que indiquem sua cidadania mexicana; as detenções poderão ser realizadas por elementos militares, policiais (incluindo agentes de trânsito) ou de migração e não se exigirá tradutor, defesa de direitos humanos, nem nenhum obstáculo que impeça o supremo de cumprir com a cota de detenções combinada com o amigo Donald Trump”*. Ok, não acredite na maldosa televisão, verifique com a imprensa “comprometida com a causa da 4T”. Certo? Ok, agora trate de “matizar” esse pesadelo.

– O modo e o tom servil e rastejante ante o governo norte-americano. Sobre isso falaremos a seguir, mas, desculpe-me, não lembro de um governo federal que tenha se portado, publicamente, de forma tão subserviente a um governo estrangeiro. O supremo tem o aval de uma consulta “levante a mão quem for contra” em um lugar onde repartiu apoios? Bom, se for esse seu argumento para “matizar”, boa sorte.

– A derrota do laicismo. Desde que o Salinas mau, Carlos Salinas de Gortari, em acordo com o alto clero católico, abriu as portas para que a religião desse seus primeiros passos nos assuntos do Estado, passando por quando Zedillo se fez de desentendido, às reverências de Vicente Fox, o beato Felipe Calderón e o uso midiático de Peña Nieto, a militância religiosa do supremo atual é indefensável. E é algo que aquilo que resta de Nação terá que pagar muito caro... e não em suaves prestações das lojas Elektra.

– O impulso e a aceleração dos megaprojetos e a destruição de territórios dos povos originários. O argumento de que são obras já avançadas não valeu para Texcoco. A designação e desqualificação, por parte do supremo, da oposição à termelétrica em Morelos custou a vida do nosso companheiro Samir Flores Soberanes. Nos termos das páginas “sensacionalistas” ou “policiais” da imprensa isso se chama “ter uma vítima”. Não importa o que digam ou como queiram se justificar, carregarão sua morte. Vá, então, matize: o supremo não apertou o gatilho. Sim, Trump também não.

– O alento ao individualismo e o confronto com a comunidade. O argumento do “combate à corrupção” pretende que a entrega de apoios (ora, dinheiro) a indivíduos seja mais efetiva. Em primeiro lugar, se é que realmente há corrupção em organizações camponesas, não governamentais etc., deve-se apontar quem, quanto, onde. A omissão é cumplicidade (perguntem a Robles). Se não lhes dá indigestão acusar desde a estrutura até a mídia e os jornalistas “porque não sou de meias-palavras”, então devem dizer claramente, por exemplo, “*a direção da CIOAC - é preciso esclarecer qual, entre todas as CIOACs, se a dos assassinos ou as outras -, está tramando o pagamento por debaixo dos panos. É isso, que fiquem com o negociado, fingimos que não é nada e passamos uma borracha*”; ou “*na creche tal, que fica em tal canto, estão comendo os cornflakes e bebendo as Lalas que deveriam ser para as crianças*”; ou “*na creche tal recebem meninos e meninas que são produtos do pecado da carne e da concupiscência, e o Senhor disse que ninguém jazerá sem firmar um pacto de não agressão e frieza sensata (‘matrimônio’, acho que dizem)*”.

Agora, no caso do campo, o problema não é só que se individualize a entrega. Ok, se os membros do gabinete do campo, e os assessores que os acompanham, não têm imaginação e só podem optar entre a entrega às organizações gestoras ou ao indivíduo, entende-se que por algum motivo estão no governo. Mas eleger um banco como veículo das bênçãos da 4T! Porque a “forma” que elegeram tem como beneficiário direto o “coiote” ou intermediário: Banco Azteca, do Grupo Elektra, no caso do programa “Sembrando Vida”.

De acordo com as declarações do supremo, dão-se \$5,000.00 (cinco mil pesos) aos camponeses que entram nesse programa. Falso. Aos camponeses se entregam no máximo \$4,500.00 (e em alguns casos apenas \$ 4,000.00).

A razão, dizem, para que só entreguem \$4,500.00 é que os outros \$500 ficam guardados em um fundo de economias. O destino desse fundo de economias é incerto. Aos beneficiários dizem que é “para os velhinhos”; ou que é para comercializar madeira e frutas. Vejamos: o cedro e o mogno demoram uns 30 anos para serem “comercializáveis”, ou seja, para que valha a pena cortá-los e vendê-los, mas o sexênio acaba em 5 anos. Se não me falha a aritmética, é preciso mais 4 sexênios para que o que será semeado no próximo ano (agora estão na etapa de viveiros) possa ser comercializável. Supõe-se que durante os próximos 29 anos os beneficiários receberão quatro mil e quinhentos pesos mensais. Assim, ou se garante que o Bolsonaro-Macri-Moreno, que já está na espreita para revezar a administração da tempestade, se comprometerá a manter esse programa, ou se trata de um programa transexenal que compromete o apoio camponês a um partido político.

O caso é que, nesse movimento de dinheiros, o banco retém 500 pesos (e em alguns casos mil pesos, com o mesmo argumento de que o campesino precisa economizar) para cada “semeador de vida”. A encarregada do supremo para isso fala de até 230 mil “beneficiários”. Isso seriam 115 milhões de pesos mensais que esse banco tem à sua disposição. Você pode recorrer ao seu economista de cabeceira e perguntar o que é que os bancos fazem com as economias dos correntistas.

Agora, bem, em algumas filiais dessa “desinteressada” e “filantrópica” instituição que é o Banco Azteca, diz-se aos camponeses que só os entregarão \$4000 “para que aprendam a economizar”. Se fosse dado que todos os beneficiários têm o instinto de economizar (tão apreciado na cultura do dinheiro), então seriam 230 milhões de pesos por mês, por 12 meses durante 5 anos a partir deste outubro. Mas digamos que não, e que são só uns 115 milhões por mês (380 bilhões de pesos por ano, 6,900 milhões de pesos no que fica do sexênio que não é sexênio). Se ao fim do sexênio e nas eleições presidenciais e legislativas de 2024, deus não permita, não continuar o mesmo supremo ou um equivalente do partido oficial, o “beneficiário” se tornará o “prejudicado”: terá 2 hectares e meio inúteis porque já não terá o pagamento para remediar a perda de seus animais (deve-se dizer gado), ou seu milharal (se as árvores forem semeadas em pastos provisórios).

Além disso, o supremo (com a benção de seus assessores “matizados”) está realizando uma nova “reforma agrária”, alavancada com a que foi iniciada por Salinas, o mau (CSG).

A condição, em uma comunidade *ejidal*, para que se outorgue o “Sembrando Lata”, é que os “direitosos” (os *ejidatarios* com direitos agrários) cedam aos “solicitantes” dois hectares das terras que são suas por direito. Isso quer dizer que a “nova” reforma agrária 4T consiste em retirar a terra dos que têm menos e “reparti-la”. Claro, além de isso ter permitido uma nova forma de corrupção, as comunidades partidistas foram divididas, chegando até às famílias, gerando confrontos entre os filhos (“solicitantes”) e os pais (“direitosos”), disputas que chegam até a ameaças de morte.

Em Los Altos de Chiapas, onde o que há são paragens e não se medem hectares, apenas “tarefas”, a situação seria cômica se não fosse trágica. O camponês nessa situação usa um mesmo pedaço de terra (“tarefas”) para semear milho, feijão e verdura. Além de, quase ninguém completar os 2 hectares, se forem semear o que a *ideiote* do supremo pretende, seus pequenos pedaços de terra estarão impossibilitados de subsistir durante 20 ou 30 anos. Claro, o que importa é o dinheiro que esses camponeses recebem mensalmente.

Há histórias que certamente você não vai acreditar porque seus dados são melhores. Por enquanto só vou dizer o seguinte: a equação que aponta “tanto dinheiro = tantos hectares semeados” é uma mentira. Os partidistas simulam a preparação do terreno, ou “emprestam” hectares quando chega o delegado do supremo, ou “combinam” com o encarregado: “você coloca aí que estou fazendo o viveiro e que tenho os dois hectares e eu te repasso uma quantidade dos 4 mil e quinhentos”.

E, ainda assim, centenas de comunidades rejeitam o programa porque dizem, literalmente, “não vamos trabalhar de peões do governo. A terra é nossa e não do fazendeiro feito de governo”. Mas, bom, é claro que o supremo tem outros dados e nós estamos apenas em uma pequena parte de um pequeno estado da república, então vamos seguir o dinheiro:

Segundo a página eletrônica do Grupo Elektra, cada loja conta com uma filial do Banco Azteca. Ou seja, o camponês vai ao banco para recolher sua esmola que não é esmola. Ali mesmo o atende uma pessoa com uma camiseta com o logotipo do banco e do governo da 4T. Como deve ser, a pessoa recomenda ao camponês o fundo de economia e os seguros: “A gente nunca sabe o que pode acontecer. Por exemplo, vai que roubam sua moto... Quê? Você não tem uma moto? Não se preocupe, você está com sorte, sempre digo que as pessoas com

sorte às vezes não percebem o que têm. Veja, aqui temos essa poderosa máquina de 125 centímetros cúbicos, marca Italika (filial do Grupo Elektra), que você pode levar agora. Sim, agora mesmo. E só por ser você, vou dar o capacete de brinde. Você é solteiro? É mesmo? Que coisa, porque alguém tão elegante como você... Bom, veja, nessa moto cabe muito bem outra pessoa. Já já você vai ver que todas as garotas vão querer que você as leve para passear. Veja, é melhor comprar logo com o assento de passageiro, sabe? Daí você evita ter que voltar depois. Então recomendo que abra de uma vez por todas sua conta aqui no banco, faça o seguro que oferecem (é obrigatório para abrir uma conta), compre a moto em prestações e já com seguro, porque vai que roubam ou que quebra. Assim você já volta para seu povoado de moto, com capacete e tudo”.

Tudo isso é verdade. Um companheiro zapatista acompanhou seu cunhado partidista e pode constatar tudo o que relatei. Claro, os nomes foram omitidos para proteger a impunidade... perdão, a presunção de inocência do supremo governo. E a moto? Bom, isso já sabemos, porque o companheiro teve que voltar de transporte público, seu cunhado gastou o que sobrou do abono da moto e dos seguros em latas de cerveja. Não cabiam os dois. Ou as latas de cerveja ou o companheiro. As latas ganharam. O companheiro zapatista voltou bravo: *“que solteiro que nada, ele é casado com a minha irmã e já estão indo para o quarto menino, mas deixa a minha irmã saber, aí sim meu cunhado vai precisar de um seguro”.*

Os principais acionistas do Grupo Elektra são: Hugo Salinas Price, Esther Pliego de Salinas e Ricardo B. Salinas Pliego (os dois primeiros são os pais do terceiro).

O senhor Hugo Salinas Pliego foi um sonegador de impostos confesso, desmobilizador confesso e patrocinador confesso de iniciativas ultradireitistas (como o MURO, braço paramilitar do El Yunque), segundo o livro de sua autoria *Mis años en Elektra* (editorial Diana, 2000).

Nele pode-se ler: *“Tristemente, quando há melhores condições de vida é quando o povo tem tempo e recursos para pensar e participar de balbúrdias, tramadas por vagabundos. Quando as coisas ficam muito difíceis, o povo se preocupa mais em cuidar do que tem do que em fazer bagunça”.*

Esse Grupo Elektra é o que foi eleito pelo supremo para lidar com as cartas da “política social” do governo da 4T.

Se quiser saber mais, é possível consultar o artigo a respeito de Álvaro Delgado, publicado na revista *Proceso*, edição 2208, de 24 de fevereiro de 2019. Ops, eu falei que não faria referência a esse semanário herege e demoníaco. Ok, mas você pode fazer como eu, arranje o livro, e, acredite, a leitura dá calafrios. Ou fale com Álvaro Delgado... mas cuidado para o supremo não ficar sabendo.

Uma crise complexa está sendo gestada. O que nos bunkers do grande capital se chama “uma tempestade perfeita”. O navio que chamamos “planeta terra” está praticamente desmantelado e se mantém navegando graças à mesma coisa que o devasta. Esse estúpido círculo mortal de destruir para reconstruir o destruído se esconde atrás das evidências falsas impregnadas no senso comum. A crença fundamental no poder individual, gerada desde que a história reescreveu o percurso do ser humano, construiu o mito do indivíduo capaz de tudo.

O “porém” que se esconde atrás do mito da individualidade é que ele exime o sistema de sua responsabilidade mortal. Seres humanos, civilizações, idiomas, culturas, artes, ciências perecem digeridos no estômago da máquina. Mas a responsabilidade sistêmica se transfere ao indivíduo. É o indivíduo ou a indivíduo a vítima e o carrasco. A mulher assassinada é a responsável pelos golpes que recebe, pelo estupro que sofre, pela sua própria desaparecimento, sua própria morte. É uma criminosa por ter sido vítima de um crime, e é um crime protestar contra esse crime. O mesmo para a infância, a velhice, a diferença de gênero, cultura, língua, cor, raça.

Mas não faça caso, ou melhor, consulte seu economista de cabeceira (se o expert trabalhar para o governo, garanta que tudo será “off the record”): talvez ele lhe diga que a economia política é uma ciência, responde a leis, a causas e efeitos, não depende de voluntarismos, birra ou gritos de um púlpito. A economia política não atende a enquetes, não assiste ao jornal matutino. A economia política aponta: se são dadas tais e tais condições (causas), então será produzido tal fenômeno (efeito). Depois de entediar-se com os números e fórmulas, pergunte a ele: está chegando uma crise? Se você perceber que o economista pega um guarda-chuva – mesmo que estejam em um lugar coberto – e se desculpa – o economista, claro – com um “não havia blindados”, então você tem várias opções: ou

declara solenemente que é uma fake news, que a máfia do poder, que os *Illuminati*, que economista conservador etc.; ou pergunta onde ele comprou o guarda-chuva e se tinha lilás (questão de gosto); ou abraça a religião que estiver à mão:

Ou lhe pergunta se há solução, saída ou remédio.

O economista responderá com várias fórmulas e cifras. Você espera pacientemente que ele termine e, em vez de dizer que não entendeu nada, pede que lhe dê a resposta em resumo. O economista talvez responda “está muito difícil, seria preciso que... (novo desperdício de fórmulas e cifras)”.

Ou talvez simplesmente diga: “não, não nesse sistema”.

(continuará... ah é?... mais nada?... mas se eu estava só aquecendo para começar a dizer... É óbvio, né?... ah, então, tá bom... então são apenas notas do gato-cachorro e pronto... sai)

Das montanhas do Sudeste Mexicano.
El SupGaleano juntando umas frases do gato-cachorro.
México, agosto de 2019.

Do caderno de notas do Gato-Cachorro:

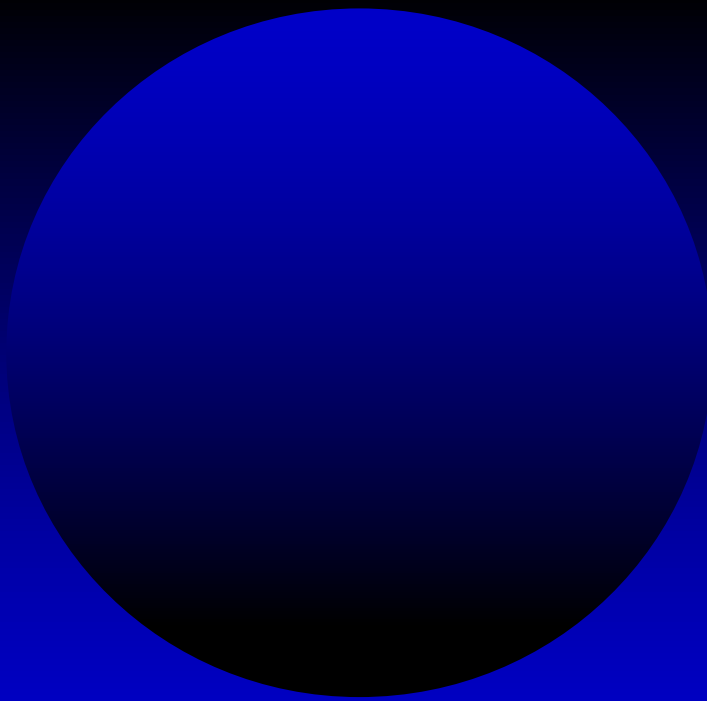
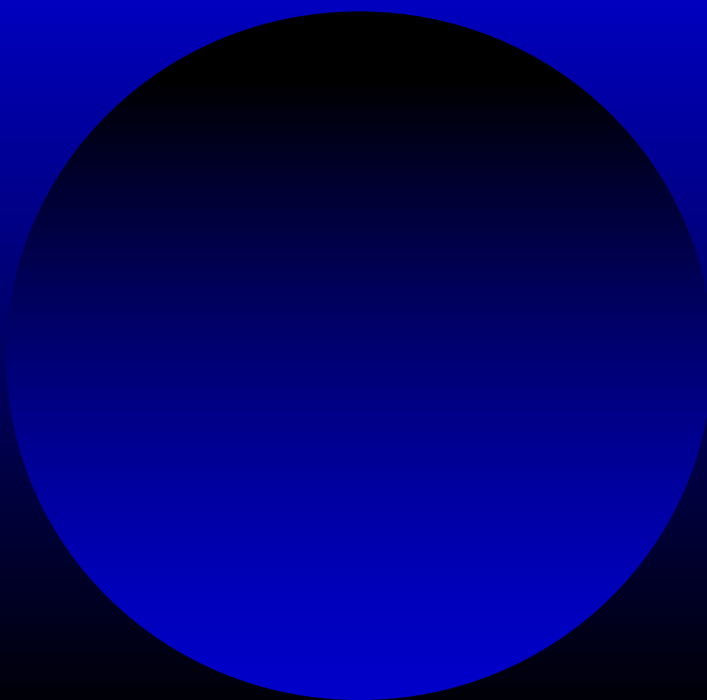
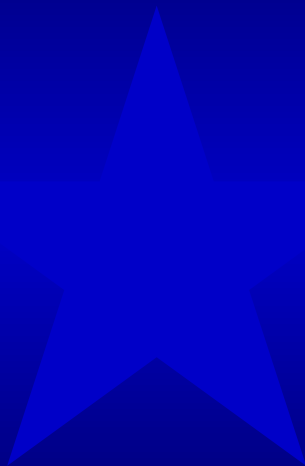
– O problema com o dinheiro é que... acaba.

– Quando o diferente se encontra com o igualmente diferente, mas distinto, o diferente o abraça e festeja. O diferente não procura um espelho, mas algo mais complexo, e mais humano: respeito.

– A natureza é uma parede elástica que multiplica a velocidade das pedras que nela lançamos. A morte não regressa na mesma proporção, senão potencializada. Há uma guerra entre o sistema e a natureza. Essa confrontação não admite matizes nem covardias. Ou se está com o sistema ou com a natureza. Ou com a morte, ou com a vida.

Miau-Au.

O Gato-Cachorro, mudando de tática, se volta com olhos lânguidos para uma lua que nem percebe, a muito maldita.



Caderno de Leituras n.139
série *intempestiva*

Sonata para violino em
sol menor: DINHEIRO
Subcomandante Galeano

Edição e preparação de texto
Maria Carolina Fenati

Tradução
Clarissa Xavier

Revisão da tradução
Gabriela Albuquerque

Revisão
Andrea Stahel

Projeto Gráfico
Mateus Acioli

Coordenação da coleção
Luísa Rabello
Maria Carolina Fenati

Composto em Maax,
desenhada por Damien
Gautier para 205TF Foundry.

Edições Chão da Feira
Belo Horizonte,
dezembro de 2021

Esta e outras publicações
da editora estão disponíveis
em www.chaodafeira.com

Este projeto foi realizado com recursos da Lei
Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

Realização



Projeto 1094/2020

Incentivo



CULTURA

